

Salão e Degola

PEDRO MANUEL

(Especial para o "Diário de Notícias")

INSISTINDO como o professor diante de uma turma arteira e distraída, mais avessa as driblagens da pelota do que à meditação; repetindo com a ilusão do idealista, que espera transpor a surdez psicológica de abulicos papagaios; volto à imagem do salão como «relatório antológico anual, onde figuram as obras de maior interesse da mais recente produção». Os senhores de isenção de júri têm sua entrada garantida, os outros pedalam ao léu, norteando o envio pelo nome dos Cérberos, disfarçados ou fantasiados para obter o pedágio.

Desde quando nasceu o Salão Nacional de Arte Moderna, todos os anos alguém afirma: «O Salão está melhor» e os papagaios em coro: «Está melhor».

Formidável vício, profunda deformação positivista, incorrigível otimismo tolo. Para esta gente, é necessário confirmar a cada passo o princípio da evolução e reconhecer o progresso.

Muitos pensam elogiar o júri com a afirmação mas se esquecem que não é o júri que pinta, e que, além do mais, muitos dão ar de sua graça, apesar das degolas e por cima delas, protegidos por isenções merecidas ou cavadas. Radiografia, ou lâmina macroscópica que é, de nossa cultura artística, será bom enquanto apresenta obras de valor expressivo, e interessante na medida que representa as correntes, mas seu nível médio poder-se-á elevar somente na proporção que deixar de ser a radiografia de nossa cultura artística, ou seja à custa da mesma verdade.

Exatamente isso foi o que aconteceu neste salão: deixou de proporcionar uma visão completa e imparcial para levantar o nível médio, mas nem por isso fez surgir obras de grande quilate.

No entanto, alguém declarou que este ano o salão está ótimo. E os papagaios em coro: «Ótimo».

Está limpo, isto sim. Não está entulhado e apesar de certas drogas, ou talvez por isso mesmo, tem ar de hospital e cheira a desinfetante. Não podemos, porém, afirmar que esteja melhor do que os outros anos somente porque diminuiu o lixo. Na maior parte os trabalhos aí expostos são composições escolares bem executadas, lições aprendidas e repetidas de cor, como a moda e a publicidade ensinam, mas conteúdo humano e originalidade, néca.

Evidentemente houve um certo preconceito antífingura-

tivo, no júri, que contribuiu para a amputação e insinceridade do salão, mas as grandes manchas pintadas por dúzias de neófitos foram obras dos artistas. A monotonia da grande vaga submergidora, a caceteação anestésica não foi obra do júri, foi apenas o grosso das sobras. O rigor pode ter sido excessivo, o gume ter tido direção preferencial, mas o material foi oferecido pelos expositores que no complexo mais parecem ovelhas dispostas a seguir o baculo do pastor parisiense do que artistas dispostos a descobrir em si o mundo a ser revelado.

Neste sentido o presente salão continua a miséria da última bienal, podendo gloriar-se de ser internacionalmente ruim. Salvo raras exceções, das quais falarei outro dia, há abdição, renúncia e negação de um passado, por vezes modesto, mas construído com dedicada sinceridade.

O que o concretismo podia ter de bom na imposição de uma disciplina rigorosa para a determinação dos espaços aplicada depois a exigências expressivas individuais, a presente moda tem de ruim, fomentando o jogo superficial da cor, o efeito das pastas, a extroversão contingente e inconsequente, o imediatismo irresponsável. Não se procure justificar a atitude coletiva porque é indispensável e muito mais condenável por gozar do amparo geral e representar a moda. Se nos produtos industriais, nos utensílios, existe uma equação de utilidade e forma que empresta dignidade à resolução do problema, embora nem sempre lhe garanta a qualidade, a meu ver, nada justifica a orientação de uma produção artesanal maciça na pintura. Não pode o quadro ser considerado apenas peça decorativa destinado a enfiar e rapidamente cansar.

Foi a produção industrial em grande escala que repetindo o produto levou ao rápido esgotamento do gosto, chegando a pedir a substituição anual das formas dos carros (por exemplo). Mas a pintura até então não sofre desta alta percentagem de reprodutividade e somente a ação da publicidade e a falta de talento podem provocar estes fenômenos de macaquice coletiva.

Mesmo no produto industrial (ver Cadeira Barcelona ou Lincoln Continental 1942) quando a solução formal é feliz, o tempo não o gasta, sendo portanto muitas vezes um imperativo econômico a provocar as variações. Imperativo que no campo da arte não industrializada é ainda mais intolerável.

E a degola com tudo isso? Perguntar-me-ão. A degola, além de eliminar alguns artistas sérios e representativos, embora jovens, não alterou grande coisa. Muitos, dos bem ou mal fantasiados, possuem a isenção de júri. Outros sabiam e sabem pintar (misturar cores) e talvez teriam passado da mesma maneira. Único elemento negativo foi a condescendência com a moda que permitiu a presença de alguns penetras. Presença verdadeiramente injustificável quando se pensa no rigor geral, e na severidade sofrida para os esquecidos da moda. Mas assim mesmo a severidade seria respeitável se não se tivesse tornado plada com a atribuição do prêmio de viagem ao exterior a Arnaldo Pedroso D'Horta.

